



# E Quanto a Bob? Contos de Hoffman

Por Tim Laurence

Com frequência me perguntam como era Bob Hoffman. Bem, ele era um homem extraordinário. Quando o conheci pela primeira vez foi numa entrevista que não durou mais de meia hora. Durante aquele pouco tempo, entretanto, ele conseguiu me tocar profundamente. Eu chorei pela primeira vez em meses ao dar-me conta da minha solidão. Fiquei bravo diante da injustiça que eu sentira quando criança. Ri com a sua sabedoria insana. E vi, com a sua ajuda, uma realidade maior, além da minha consciência normal. “É assim que quero viver” disse a mim mesmo quando sai da entrevista. “Quero sentir todas as partes de mim cheias de vida, novamente”.

Bob era parte gênio e parte piada, em um mesmo pacote. Ele era o mais sábio dos homens e o mais simples. Eu nunca o vi ler nenhum livro de Psicologia, mas ele sabia mais sobre a mente humana do que todos os meus professores de faculdade somados. Ele era incrivelmente sério em seu trabalho de ajudar pessoas a superar suas dores e possuía um senso de humor terrível que se deliciava em fazer trocadilhos infames. Ele conseguia lhe derreter com os seus olhos compassivos e achar os botões certos para deixar-lhe louco de raiva. Ele podia lhe dizer que você era a pessoa mais sensível e amável e, uma hora depois, dizer-lhe que você estava sendo 2 caras. Ele não vivia pelas regras normais e assumia grandes riscos ao — como ele mesmo dizia, com a sua falta de modéstia característica — “empurar as pessoas para o Céu”. Portanto, se ele descobrisse ou simplesmente sentisse que você estava paralisado por seus padrões, ele entrava justo aí, com toda sua estatura, com sua faca de cirurgião psíquico.

Após 25 anos ou mais trabalhando com pessoas, Bob gostava mais de ser desafiado do que qualquer outra coisa. Particularmente se a pessoa tivesse um diploma universitário (ou 3!), e começasse a destruir o seu método. Ele ficava, então, muito animado e perguntava àquela pessoa estudada algumas questões que a faziam descer de seu pedestal ao mesmo nível em que o resto da humanidade, muito humana, estava vivendo. Era uma pequena maravilha que muitos homens altamente graduados gostavam de presenciar e que os tornava próximos a esse homem diferente e de nível secundário de educação formal. Para eles, Bob era refrescante com seu humor negro e sua forma direta.

Quando eu o conheci, Bob já estava próximo de seus 70 anos e tinha acabado de voltar de uma viagem ao redor do mundo de 1 ano e meio. Eu esperava que ele já estivesse desacelerando o seu ritmo, mas longe disso, ele parecia ter muito mais energia que os outros professores do curso, que eram muito mais jovens. Ele estava em todos os lugares ao mesmo tempo. Tendo na intuição uma dádiva, ele conseguia compreender tudo rapidamente.

Eu nunca tinha me visto como uma pessoa reclamona, por isso fui pego de surpresa quando Bob, ao passar por mim no corredor, casualmente me perguntou se eu já tinha visto meu padrão de reclamação. “Não” respondi seguro “este é um padrão que eu não tenho”. “Ok. Então você nunca reclamou do serviço de um restaurante e nunca reclamou sobre o preço de alguma coisa”. “Bem, claro que sim, mas isso não é reclamar, isso é questionar.” Ele sorriu e seguiu pelo corredor. Virando-se para mim, ele acrescentou “Talvez também lhe seja útil perceber se você é defensivo ou não.” Eu?!? Defensivo?!? Nunca! Exceto quando desafiado, criticado, quando recebo *feedback*, quando me sinto culpado, quando sou questionado e por aí fora... Ah, não, mais coisas para eu me trabalhar!

Bob cresceu muito pobre, filho de imigrantes que saíram da Ucrânia perseguidos para viver uma vida melhor nos Estados Unidos. Vivendo em Nova Iorque, ele deixou a escola cedo para seguir seu próprio caminho no mundo, e rapidamente se mudou para a Costa Oeste. Lá, ele construiu uma rede de lojas. Nesse meio tempo, Bob sentiu que tinha um dom psíquico e que queria desenvolvê-lo para ajudar os outros. Ele estudou com muitas pessoas, e em pouco tempo descobriu que era capaz de ler as pessoas de maneira bastante precisa.



Um de seus amigos mais próximos naquele momento era o psicanalista freudiano e neurologista Siegfried Fischer. Fischer era muito mais velho que Bob e um mentor para suas teorias. Juntos, eles conversaram longa e profundamente sobre como nos tornamos o que somos.

Bob, todavia, armado com sua habilidade psíquica, mas sem conhecimentos da história da Psicologia Ocidental, foi muito além de Fischer. Ele começou a entender, em um nível além da compreensão intelectual, como nós desenvolvemos nossa personalidade. Como muitos, ele percebeu que a mais inteligente das pessoas poderia recair em padrões autodestrutivos, por isso a resposta não podia estar na racionalidade. Ele viu que havia um abismo em nossa compreensão do mundo, abismo que nenhum professor ou pesquisador tinha até então explorado.

Segundo Bob, o abismo consistia no fato de que nós aprendemos nossos hábitos emocionalmente, e somente através da libertação emocional chegaríamos a cura. Isso não poderia ser feito através de conversas, deveria ser feito a partir da demonstração da mais variada gama de emoções, terminando com o completo sentimento de perdão por nossos pais e por nós mesmos. Deveria ser uma nova educação, uma reeducação da parte emocional do nosso ser.

Bob testou seu método, e... funcionou. Funcionou tão bem que a comunidade profissional começou a bater em sua porta. Ele foi persuadido a treinar um grupo de terapeutas com seu método.

Porém, Bob não era a pessoa de deixar registros escritos. Para sua sorte, ele encontrou colaboradores que deram método a sua bagunça. Ele denominou sua teoria de Síndrome do Amor Negativo, e as quatro partes do modelo do nosso ser de Quadrinidade.

Bob nunca se tomou “respeitável” a ponto de vestir terno e gravata. Ele adorava suas camisas estampadas combinadas com suas calças confortáveis, para caso alguém o levasse muito a sério. Ainda assim, ele era muito sério em seu trabalho, mas não queria se ver confundido com o trabalho, o que poderia ser um outro caso do provérbio inglês “se aponta para a lua, não se é a própria lua”.

Antes de morrer, seu trabalho, o Processo Hoffman da Quadrinidade já tinha se estabelecido em mais de 12 países, por toda América, Europa e Austrália. Milhares de pessoas já se beneficiaram com a cura que as permitiu abandonar a vida passada e viver o presente.

Bob Hoffman não era um psicólogo ou um psiquiatra qualificado. Seu conhecimento sobre a condição humana se baseava em sua intuição, bem como em sua experiência de vida e experiência com seus clientes. Ele era um psicólogo natural formidável, assim como muitos de nós somos por assistirmos, desde o nascimento, o jogo de personagens que nos circundam e sua interrelação. Talvez foi exatamente a falta de educação que possibilitou a Bob ver através das barreiras de negação de seus clientes. Quando eu tentei dissuadí-lo com meus conhecimentos, aterrorizado que ele pudesse realmente ver quem sou, ele me olhou doce mas diretamente e me disse “Você não pode me enganar. Eu sou muito ignorante.”

Dizem que a única diferença entre ser inteligente e ser um gênio é a simplicidade. Bob Hoffman era muito simples. E um homem extraordinário.